

## Apresentação

Os temas escolhidos para o ciclo de filmes 2015 buscaram conjugar as temáticas *Os Caminhos e Descaminhos do Luto* e *Trauma e suas Vicissitudes*. Optamos também por selecionar trabalhos pautados nestes temas e que discutissem suas repercussões na infância e na adolescência.

O mundo, às vezes, é generoso e em muitas outras vezes está bem longe disso, causando dor e sofrimento. Perdas, conflitos e traumas na infância são questões basais na teoria freudiana e encontrar um grande número de obras que debata o assunto, ilustra bem o valor e a relevância da Psicanálise para a compreensão do existir humano.

Trauma, uma palavra de origem grega, é o nome que damos ao ato de origem externa que provoca um dano no organismo. Inicialmente, Freud tratava o trauma desta forma, considerando-o como decorrente de um fluxo excessivo de excitações que rompem o escudo protetor contra estímulos, produzindo uma marca indelével. Posteriormente, trauma passou a se referir não apenas àquilo que não pode ser assimilado ou traduzido, mas também aquilo que se mostra refratário às possibilidades de elaboração e reinterpretação de outras maneiras, causando uma paralisia ou cristalização que conduz ao adoecimento do indivíduo. A importância deste conceito ultrapassa o campo psicanalítico estendendo-se à cultura, em especial, após os eventos vividos ao longo do século XX – as inúmeras guerras de âmbito mundial, o Holocausto, as ditaduras latino-americanas e os conflitos no Oriente Médio, que marcaram de forma indelével a experiência humana neste período.

E como é possível falar do que não mais existe, do que se perdeu ou do que não pode ser representado? Como podemos narrar o que não pode ser dito ou não está mais lá?

Freud demonstrou como era fundamental o relato daquilo que lançava o indivíduo no horror e no desamparo. Falar do trauma é poder falar de seus efeitos, de nomear o que pode ser nomeado para construir uma moldura, que possa comportar o vazio daquela experiência. Aquele que narra, narra para alguém que se torna testemunha daquilo que foi sofrido. A presença de outro, capaz de se identificar e empatizar, restaura aquilo que foi perdido no trauma e no luto: A capacidade de se conectar, de confiar num terceiro, de sentir-se íntegro e com valor pessoal. Aquele que narra age em palavras, torna-se capaz de fazer algo com aquilo que foi vivido. A partir deste momento, é possível dar um encadeamento e sentido ao acontecido.

Na infância e na adolescência, as perdas e traumas são vivenciadas de forma particularmente dolorosa, pois estes psiquismos ainda estão em desenvolvimento e precisam, de fato, de pessoas que lhes garantam condições mínimas de sobrevivência física e desenvolvimento emocional. Numa criança e num jovem, os traumas e lutos não são nunca elaborados, de todo, e sim processados ao longo do tempo de seu desenvolvimento, à medida que lhes é possível significar o acontecido. Também pode ser reativado em outro momento, ao encontrar ressonância com conflitos do futuro desenvolvimento.

O cinema é um meio poderoso para as relações humanas. Ele é capaz de criar e contar ao mundo, de uma forma ampla, nunca alcançada antes, histórias que são capazes de não apenas registrar estas experiências, mas poder dar um sentido ao que não tinha sentido e de restaurar o encadeamento dos acontecimentos.

Selecionamos cinco filmes onde a morte, perdas, quebra de continuidade, ruptura de laços, violência e incomunicação estão presentes em todas as obras. Com as histórias contadas, procuramos criar pontes entre um indivíduo ao seu dessemelhante (o outro), tornando-o semelhante. Contamos, assistimos e debatemos suas histórias para que a experiência de “ser humano” possa se estender além das fronteiras de um grupo, de uma época ou lugar.

**Neyza Prochet**  
pela Comissão Organizadora